Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil

Simon Schwartzman[1]

Publicado em *Novos Estudos CEBRAP*, 55, Novembro 1999, pp. 83-96

Sumário

[1] Agradeço a Alícia Bercovitch, Edward Telles, Elisa Caillaux, Magda Prates e Mariza Peirano pelos comentários e sugestões feitas a uma primeira versão deste texto.

Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil

Simon Schwartzman

Introdução

O tema da cor ou raça tem sido pesquisado recentemente pelo IBGE em termos da "cor" das pessoas, com as alternativas de "branco", "preto," "pardo" e "amarelo," e mais a categoria de "indígena". Esta pergunta é feita nos recenseamentos decenais, e também na pesquisa nacional por amostra de Domicílios (PNAD), realizada anualmente. São as próprias pessoas que devem se colocar nestas categorias, ainda que não se possa ter certeza de que os entrevistadores não exerçam influência nas respostas. As motivações para o levantamento desta informação têm certamente variado através do tempo. Até o século XIX, a informação relevante era a classificação da população em termos de sua condição civil, entre "livres" e escravos, e os recenseamentos de 1872 e 1890 já introduziam as questões de raça ou cor. Ao longo do século XX, é provável que as idéias racistas e as preocupações então existentes com o "melhoramento da raça" brasileira tenham influido na reintrodução do ítem de raça no recenseamento de 1940, da mesma maneira com que a noção de que no Brasil "não existe problema de raça" parece ter levado à exclusão do tema no censo de 1970. Hoje, parece claro que o objetivo não é tentar medir ou quantificar as características biológicas da população, e sim sua diversidade social, cultural e histórica, que, como é sabido, está relacionada a diferenças importantes de condições de vida, oportunidade e eventuais problemas de discriminação e preconceito.

Existe muita insatisfação com estas categorias. Uma boa parte da população não se identifica e não gosta de alguns destes termos, como veremos abaixo. Os resultados que se encontram são também criticados. Tipicamente, as pesquisas mais recentes encontram cerca de 5% de pretos, 50% de brancos, e 45% de pardos, com uma pequena percentagem nas categorias de "amarelos" (orientais) e indígenas (a PNAD 1997, que cobre todo o país exceto a região rural da Amazônia, encontrou 54.4% de brancos, 5.2% de pretos, 39.9% de pardos, 0,4% de amarelos e 0,1% de indígenas). Estes números, segundo alguns críticos, ocultariam o verdadeiro tamanho da população negra no Brasil, que, se definida de forma análoga ao que

ocorre nos Estados Unidos, chegaria a pelo menos 50% da população; e também deixaria de medir o verdadeiro tamanho da população indígena.

A discussão acadêmica sobre o tema da raça ou cor no Brasil têm como uma de suas principais referências um texto clássico de Oracy Nogueira, que contrasta o "preconceito de origem", que seria típico dos Estados Unidos, com o "preconceito de marca", que seria mais típico do Brasil.[2] Segundo esta interpretação, nos Estados Unidos, o que define um "negro" na sociedade segmentada seria sua ascendência africana e escrava, sua origem, e não o fato de a pessoa ter a pele mais ou menos escura. No Brasil, ao contrário, seria a cor da pele, mais do que sua origem, que definiria as pessoas socialmente, e serviria de base para preconceitos e discriminações. Isto permitiria que as pessoas "passassem" com mais facilidade de uma categoria racial a outra no Brasil, e, ao mesmo tempo reduziria a coesão e identidade interna dos grupos étnicos ou raciais. Uma outra interpretação, proposta pela escola paulista liderada por Florestan Fernandes, afirma que o preconceito de raça no Brasil é, em última análise, um preconceito de classe, também confirmada, aparentemente, pela relativa facilidade com que muitas pessoas conseguem "passar" de um grupo étnico ou racial para outro, em função de seu enriquecimento. Nesta noção, a questão étnica ou racial não teria especificidade própria, e seria resolvida na medida em que as questões de desigualdade social fossem equacionadas. Na visão oposta, existe a tese de que, tal como nos Estados Unidos, as diferenças de origem seriam as mais importantes e significativas, e não desapareceriam nem com a eliminação ou redução das diferenças de classe, nem com o "branqueamento" real ou ilusório da população. O "preconceito de marca" seria uma forma de "falsa consciência" que impediria que a população negra tomasse conhecimento de sua condição e problemas reais. Nesta perspectiva, não deveria haver distinção, nas pesquisas, entre pretos e pardos, devendo todos serem englobados na categoria de "negros".

Em uma passagem na introdução à nova edição de seu artigo, Oracy Nogueira compara os Estados Unidos ao Brasil dizendo manter a hipótese de que, naquele país, "haveria maior tolerância que no Brasil pelas diferenças culturais - de idioma, religião, etc.

---

[2] "Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem", em (Nogueira, 1985) pp. 67-93. O texto original é de 1954. Devo a Mariza Peirano ter me chamado a atenção para a necessidade desta referência, que ficará isolada, dada a impossibilidade material de proceder aqui a uma ampla revisão da literatura existente sobre a questão racial no Brasil. Para um panorama geral desta literatura, que toma como ponto de partida uma paráfrase do texto de Oracy Nogueira, ver (Sansone, 1996) .

Em contraposição, no Brasil haveria maior tolerância em relação às variações em aparência física e menor em relação às divergências culturais. Penso na tendência generalizada, no Brasil, de supor-se que a negação da identificação com minorias culturais seja condição essencial ou *sine qua non* para o abrasileiramento. Assim, espera-se que o índio deixe de ser índio, o judeu, de ser judeu e assim por diante, para serem brasileiros" (p. 34.) Isto talvez explique o fato de que o tema da origem nunca tenha sido objeto de pesquisa sistemática no Brasil, ao contrário do tema da raça ou "marca", apesar das limitações que os dados existentes a este respeito possam ter.

Em uma tentativa de melhorar este quesito de raça ou cor, tomar em consideração estas diversas objeções, e começar a introduzir de forma sistemática a variável de origem nos estudos sobre a população brasileira, com vistas ao Censo do ano 2000, o IBGE introduziu um conjunto de questões na Pesquisa Mensal de Emprego de julho de 1998, que cobriu cerca 90 mil pessoas de dez anos de idade e mais em seis áreas metropolitanas do país.[3] O objetivo era comparar as respostas à pergunta tradicional sobre cor a uma pergunta aberta, o que permitiria examinar em que medida estas categorias correspondem ou não à forma pela qual a população se identifica. Também buscou-se examinar se a população se identifica, de uma ou outra forma, com origens culturais e étnicas específicas - será que os "pretos" ou "pardos", se identificam como negros ou afro-descendentes, e os brancos se classificam em diferentes culturas e etnias? Mais amplamente, será que um quesito que buscasse medir diretamente a origem étnica das pessoas não poderia fornecer uma informação sociologica e culturalmente mais rica e significativa que a de "cor"?

Os resultados confirmam que o Brasil não tem linhas de demarcação nítidas entre populações em termos de características étnicas, lingüísticas, culturais ou históricas, o que faz com que qualquer tentativa de classificar as pessoas de acordo com estas categorias esteja sujeita a grande imprecisão. Isto não significa, no entanto, que o tema não possa nem deva ser pesquisado em termos estatísticos, que permitem o entendimento de realidades amplas e significativas, ainda que de delimitação pouco nítida. Esta imprecisão não deve ser entendida como um erro que pudesse ser corrigido com uma categorização ou classificação mais

---

[3] A Pesquisa Mensal de Emprego abrange as áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Os dados apresentados estão expandidos para o universo da população de referência.

precisa; mas como uma característica necessária de um dado que reflete percepções e identidades difusas, que podem inclusive variar para a mesma pessoa, conforme o contexto ou o tipo de questão que lhe é apresentada.[4]

Cor ou raça

As perguntas abertas e fechadas sobre cor ou raça permitem examinar a pertinência ou aceitação, pelos entrevistados, das categorias usuais do IBGE. Em total, foram encontradas quase 200 respostas diferentes para a questão de "raça ou cor". Estes dados são semelhantes aos encontrados em pesquisa do IBGE de 1976. Os principais resultados são os do quadro 1. Eles confirmam que, enquanto que a maioria da população "branca" utiliza este termo para se definir, o termo "preto" é rejeitado pela maioria da população classificada nesta cor (ainda que seja a categoria predominante no grupo). A rejeição é ainda mais forte entre os "pardos" e, sobretudo, os "indígenas" (ainda que o número de indígenas em uma pesquisa urbana como a PME seja necessariamente muito pequeno). O quadro mostra ainda uma grande preferência pela expressão "morena", utilizada com intensidade por todos os grupos. O termo "moreno" tem uma conotação positiva, e reflete bem o caráter difuso das linhas de divisão étnicas e raciais no Brasil. As denominações listadas no quadro 1 resultaram de uma ligeira recodificação das respostas registradas na pesquisa, adotando geralmente a forma feminina quando existem os dois gêneros da mesma palavra ("morena" por "moreno" ou "morena"), e unificando variações de ortografia e erros mais óbvios de codificação.

---

[4] Comentando a questão da cor nos recenseamentos de 1940 e 1950, Giorgio Mortara observava que "em ambos os casos foi evitada a especificação dos critérios conforme os quais deviam ser aplicadas as diversas qualificações da cor, deixando-se a discriminação ao uso local, que varia sensivelmente de lugar para lugar e está sujeito, também a se modificar através do tempo. Logo, nem os resultados de cada censo para as diversas Unidades da Federação, nem os resultados dos dois censos de 1940 e de 1950 para cada Unidade, são rigorosamente comparáveis entre si". Todavia, o mesmo autor, baseado em suas análises sobre a fecundidade e a mortalidade resultantes destes dois censos, segundo a cor, acaba por concluir que "apesar dos limites incertos e variáveis entre os diversos grupos, se revelam diferenças bem marcadas e concordantes com as que a observação direta individual da realidade brasileira fazia entrever". (citado em (Berquó, Bercovich *et al.*, 1986), p. 4.

Quadro 1 - Cor ou raça que melhor identifica a pessoa*

Cor ou raça que melhor identifica a pessoa (6 regiões metropolitanas)							
	Classificação IBGE						
	branca	preta	amarela	parda	indígena	sem resposta	Total
Total	**19,964,343**	**3,182,365**	**430,783**	**10,071,960**	**300,238**	**205,319**	**34,155,009**
percentagem	**58.5%**	**9.3%**	**1.3%**	**29.5%**	**0.9%**	**0.6%**	**100.0%**
Respostas abertas:							
branca	**91.08**	0.65	5.92	1.31	4.08	39.15	54.03
morena	4.86	**13.94**	6.19	**53.96**	**61.73**	16.14	20.77
parda	0.18	1.53	0.63	**33.92**	2.50	8.70	10.33
preta	0.03	**44.41**	0.09	0.25	0.80	1.14	4.24
negra	0.02	**30.92**	0.04	0.68	1.76	3.12	3.13
morena clara	1.89	0.45	1.85	5.61	7.36	1.63	2.90
amarela	0.05	0.03	**82.08**	0.03	0.12		1.08
mulata	0.02	2.11		1.89	1.25	1.15	0.79
clara	1.15	0.03	0.73	0.31	0.13	0.19	0.77
escura	0.00	3.21		0.20	0.54	0.70	0.37
morena escura	0.02	1.81	0.04	0.82	2.11	0.37	0.44
brasileira	0.19	0.03	0.04	0.02		0.57	0.12
indígena			0.04	0.01	**12.83**	0.09	0.12
japonesa	0.01		1.28				0.02
sem resposta	0.13	0.16		0.13	0.12	26.96	0.29
outras denominações	0.37	0.73	1.07	0.87	4.66	0.09	0.60
Total (%)	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00

* Este quadro corrige a linha das respostas abertas dos japoneses, em relação ao publicado originalmente (nota de abril de 2003).

Origem

Em relação a este ítem, o que se procurou foi uma "origem" com a qual a pessoa se sinta identificada, e por isto a questão no pré-teste foi formulada em termos de "qual a origem que o senhor(a) considera ter?", sem nenhuma especificação maior quanto ao sentido do termo. A dificuldade da questão é que as pessoas se classificam por critérios muitos distintos. Para os descendentes de populações de migração mais recente (alemães, italianos, japoneses, que chegaram ao Brasil a partir da virada dos séculos XIX e XX, até a Segunda Guerra), o termo "origem" se refere ao país de origem dos pais ou avós. Para a população negra, uma evental origem deste tipo teria que se referir a um passado africano longínquo, uma referência muito pouco utilizada. Os dados mostram que muitas pessoas entenderam "origem" em termos raciais, e outras em termos de regiões, estados e cidades de origem, ainda que a maioria tenha entendido a pergunta em termos de nacionalidade.

A questão sobre origem foi formulada de duas maneiras: uma pergunta aberta, com três possibilidades, e outra fechada, com 12 alternativas, permitindo múltipla escolha. O quadro 2 apresenta a distribuição das respostas múltiplas sobre origem na forma fechada, e o quadro 3 dá a distribuição das respostas abertas por cada resposta fechada. Ele permite examinar a concordância entre as respostas em uma ou outra modalidade de pergunta. Assim, cerca de 69% dos que se identificam como de origem japonesa na pergunta fechada também se identificam como tal na pergunta aberta. Por outro lado, somente 26% dos negros identificados nas alternativas fechadas também expressam esta identidade na questão aberta. O quadro 4 lista todas as demais origens que apareceram na questão aberta, com pequena freqüência.

Quadro 2 - Origens (respostas múltiplas a pergunta fechada)

Origens (respostas múltiplas a pergunta fechada)			
Origem	**Total de respostas**	**% das respostas**	**% das pessoas**
Africana	702.855	1,5	2,1
Alemã	1.209.160	.2,7	3,6
Árabe	164.615	0,4	0,5
Brasileira	29.404.040	64,5	86,6
Espanhola	1.503.516	3,3	4,4
Indígena	2.266.692	5,0	6,7
Italiana	3.555.057	7,8	10,5
Japonesa	456.050	1,0	1,3
Judaica	67.056	0,1	0,2
Negra	1.739.081	3,8	5,1
Portuguesa	3.571.590	7,8	10,5
Outra	959.894	2,1	2,8
Total	45.599.607	100	134,3
sem resposta	212.883		

Quadro 3 – Origens – respostas à questão aberta, por respostas à questão fechada

Quadro 3: origens: respostas à questão aberta por respostas às alternativas pre-codificadas.

	Origem (pre-codificada)												
	Africana	Alemã	Árabe	Brasileira	Espanhola	Indígena	Italiana	Japonesa	Judaica	Negra	Portuguesa	outra	Total
Origem (resposta à primeira pergunta aberta)													
Brasileira	27.21%	22.65%	29.94%	**85.71%**	33.93%	39.45%	33.08%	20.97 %	39.11%	54.03 %	36.10%	28.74 %	67.81%
Italiana	3.97%	6.08%	6.88%	2.20%	7.40%	4.66%	**47.59%**	2.61%	**6.05%**	2.33%	7.47%	**7.67%**	6.72%
Portuguesa	6.38%	2.98%	4.52%	1.99%	5.71%	6.27%	4.62%	1.90%	4.00%	2.55%	**41.24%**	**7.10%**	5.84%
Indígena	5.67%	2.57%	1.57%	1.41%	2.43%	**33.59%**	2.35%	1.26%	**5.83%**	5.52%	3.10%	2.44%	3.53%
Alemã	0.89%	**58.42%**	4.14%	0.90%	2.91%	2.17%	3.06%	0.82%	**5.64%**	0.80%	2.21%	4.34%	2.91%
Espanhola	1.03%	1.09%	1.06%	0.70%	**41.65%**	2.61%	4.02%	0.08%	0.00%	0.83%	3.19%	3.99%	2.69%
Negra	4.22%	0.66%	1.16%	0.97%	0.56%	3.29%	0.63%	0.92%	1.46%	**26.26 %**	1.63%	0.62%	2.10%
Africana	**45.59%**	0.77%	0.93%	0.50%	0.33%	2.07%	0.37%	0.13%	0.81%	2.56%	1.24%	0.27%	1.40%
Japonesa	0.00%	0.08%	0.48%	0.27%	0.05%	0.04%	0.16%	**68.89 %**	0.00%	0.07%	0.22%	0.23%	0.91%
Polônia	0.05%	0.42%	0.00%	0.10%	0.30%	0.12%	0.24%	0.00%	**6.46%**	0.01%	0.18%	**6.81%**	0.28%
Árabe	0.19%	0.47%	**34.20%**	0.09%	0.37%	0.12%	0.17%	0.17%	2.11%	0.06%	0.35%	0.39%	0.27%
Libanesa	0.00%	0.04%	6.29%	0.03%	0.10%	0.02%	0.04%	0.00%	1.62%	0.02%	0.08%	1.84%	0.10%
Síria	0.00%	0.09%	1.95%	0.02%	0.00%	0.04%	0.01%	0.00%	0.00%	0.02%	0.06%	1.11%	0.06%
Judáica	0.00%	0.03%	0.00%	0.02%	0.01%	0.00%	0.01%	0.00%	**16.73%**	0.00%	0.01%	0.13%	0.04%
Iraquiano	0.00%	0.00%	0.11%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%
Outras denominações	**4.81%**	**3.65%**	**6.78%**	**5.08%**	**4.24%**	**5.55%**	**3.64%**	**2.25%**	**10.18%**	**4.93%**	**2.92%**	**34.32**	**5.35%**

Quadro 4 – Outras denominações de origem de baixa freqüencia

outras denominações de origem de baixa freqüência (menos de 1%)
Acreana, africana negra, agricultor, Alagoana, alvo, amarela, americana, Angola, Aracaju, Araçatuba, Arceripina, Argentina, Arraial, austríaca, baiana, Barretos, Belém, belga, boliviana, Bom Jesús, branca brasileira, brasileira cigana, brasileira espanhola, brasileira italiana, brasileira negra, brasileira polonesa italiana, brasileira Soares Fidelis, Brasília, bugre, búlgara, cabocla, campina, Campina Grande, campista, Campo Grande, Campos, capixaba, carioca, Caruaru, castelhana, Catanduva, catarinense, cearense, Checoeslováquia, chilena, chinesa, cigano, colombiana, Cordeiro, croata, decor, desconhecida, Dinamarca, egípcia, equatoriana, escandinavo, escandinavo romeno, escocesa, escrava, escura, eslovena, espanhola alemã, espanhola indígena italiana, Espírito Santo, Estado do Rio, estoniana, estrangeira, EUA, Europa, Ferraz de Vasconcelos, fluminense, Fortaleza, friburguense, Garanhuns, gaúcha, germânica, goiana, grega, grego e turco, gringo, guaraní, Guarulhos, húngara, indiana, indígena bugre, indígena cabocla, indígena italiana, indígena negra, indígena negra brasileira, índio brasileiro, inglesa, interior, irlandesa, israelense, israelita, italiana brasileira, italiana portuguesa, Itaqua, Itu, iugoslavos, João Pessoa, Lagarto, Lageado, Lagoa dos Gatos, Limoeiro, Lituânia, Luxemburguesa, Magiano, Marajó, maranhense, Marelono, Mato Grosso, mestiça, Mineira, Miracema, mística, mistura de raça, misturado, morena, morena branca, morena clara, morena escura, morena preta, mulata, não entendo, não sabe, Natal, nego, negra africana, nipônico, nissei, nordestina, Norte, Norte Americana, Nortista, Norueguês, Nova Iguaçu, Olinda, oriental, oriental síria, Orobo, Panamenha, Paraguai, paraibana, Paraná, Parda, Parense, Parente de índio, paulista, peloduro, Peri, pernambucana, peruana, Petrópolis, Piauí, Poa, polonesa italiana, polonesa italiana brasileira, polonesa italiana espanhola, portuguesa, portuguesa alagoana, portuguesa italiana, potiguar, Pouso Alegre, Preta, Preta negra, Puri, raça branca, Recife, RG Norte, RG Sul, Rio de Janeiro, Romena, Rondônia, Ruim, Rússia, Salvador, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Miguel, Sarará, Sergipana, Serra Talhada, Sertaneja, Sto Antônio do Rio Pardo, Suécia, Suiça, Suzano, Taguaretinga, tailandesa, Taubaté, Tibetanos, Tupi, Tupi Guarani, Turca, Turquesa, Ucrânia, União Soviética, Uruguai, Valência, Venezuela, Vitória.

Chama a atenção, nestes resultados, a situação peculiar da resposta "brasileira", como uma das possíveis origens. 86.6% dos respondentes se identificaram como brasileiros na questão fechada, que permitia múltiplas escolhas. No entanto, existe uma grande variação entre os grupos de origem em relação a esta escolha, como indicado no quadro 5. Este quadro mostra que entre as pessoas que se identificaram como alemãs, por exemplo, 56.30% se identificaram como brasileiras, e as demais, 43.70%, não o fizeram. Existe bastante coerência neste quadro. As populações mais antigas no país - negros, africanos, indígenas - marcam mais sua identidade brasileira, enquanto que os de migração mais recente ficam entre 40 e 60%. É curiosa a situação do grupo de origem judáica, que se origina de lugares muito distintos, como indicado no quadro 3, e uma proporção bastante alta, em relação a outros grupos de migração recente, se identificando também como brasileiros. Como é de se esperar, existem grandes variações entre as regiões do país quanto a esta identidade brasileira: em Recife, 96% das pessoas se declaram brasileiras, número que cai para cerca de 83% em São Paulo, e 70% em Porto Alegre. O significado mais amplo destes dados só pode ser entendido

por uma pesquisa muito mais aprofundada, mas não há dúvida de que a origem das pessoas é um fator significativo em sua identidade, sobretudo nas regiões de migração mais recente.

Quadro 5 – Pessoas que se delcaram de origem “brasileira”, pelas demais origens

Percentagem de pessoas que se declaram de origem "brasileira," pelas demais origens (respostas fechadas)	
Africana	56,30
Alemã	48,60
Árabe	54,50
Brasileira	100,00
Espanhola	55,00
Indígena	67,60
Italiana	56,90
Japonesa	41,10
Judaica	59,40
Negra	76,20
Portuguesa	57,50
outra	53,90

Cor ou raça e origem

O quadro 6 busca testar a idéia de que pessoas, por serem ou se considerarem de determinada "cor", compartilhassem também determinadas indentidades sociais, expressas em termos de sua origem. Ele mostra que a população "branca" não é homogênea, podendo ser agrupada em várias categorias de origem nacional, sobretudo italiana, portuguea, alemã e espanhola. Ele mostra também de que a tese de que o preconceito de cor ou raça no Brasil seria no fundo um preconceito de origem, nos termos de Oracy Nogueira, não se confirma. Só uma pequena percentagem dos "pretos" se declara de origem africana, e 22% consideram adequada a denominação de "negros". Os "amarelos" são sobretudo japoneses, e é o grupo com menor identificação como "brasileiros." No outro extremo, o grupo "pardo" é o mais brasileiro de todos, e cerca de 10% deles se classificam como de origem africana ou negra. De todos, os "indígenas" são os que aparentam uma situação de identidade mais difusa: pouco mais de 50% reconhecem esta origem, e os demais se espalham por muitas outras categorias.

Quadro 6 – Cor ou raça por origem

Cor ou raça por origem (*)							
	branca	**preta**	**Amarela**	**parda**	**indigena**	**sem resposta**	**Total**
Total	19.964.343	3.182.365	430.783	10.071.960	300.238	205.319	34.155.009
Percentagens:							
Africana	0,58%	**9,64%**	0,75%	2,59%	**4,09%**	1,92%	2,06%
Alemã	**5,51%**	0,81%	0,32%	0,72%	2,13%	1,80%	3,54%
Árabe	0,72%	0,07%	0,54%	0,15%	0,06%	0,47%	0,48%
Brasileira	**83,11%**	**88,62%**	**44,79%**	**93,90%**	**75,67%**	**55,75%**	86,09%
Espanhola	**6,42%**	0,78%	1,12%	1,69%	3,28%	**5,70%**	4,40%
Indígena	**4,80%**	6,94%	3,07%	**8,89%**	**54,28%**	**7,79%**	6,64%
Italiana	**15,72%**	1,36%	2,75%	3,20%	**6,00%**	**10,49%**	10,41%
Japonesa	0,62%	0,16%	**70,79%**	0,20%	0,51%	0,49%	1,34%
Judaica	0,25%	0,09%	0,23%	0,12%	0,20%	0,10%	0,20%
Negra	1,30%	**22,05%**	1,66%	**7,35%**	7,52%	**4,17%**	5,09%
Portuguesa	**14,50%**	2,54%	2,84%	**5,30%**	**8,53%**	**12,21%**	10,46%
outra	**4,05%**	0,45%	3,96%	1,03%	3,26%	2,76%	2,81%

(*) questões fechadas, respostas múltiplas de origem. As percentagens são sobre o total de pessoas

Cor ou raça, origem e condições de vida

O quadro 7 é uma primeira aproximação à questão das diferenças de condição de vida das populações, em função de cor ou raça e origem. Ele confirma as importantes diferenças de rendimentos médios entre pretos, pardos e indígenas, por um lado, e brancos e amarelos por outro. Dentro da categoria "branca", aparecem diferenças bastante significativas, com pessoas de origem árabe e judaica em um patamar de renda mais alto, os de origem portuguesa, espanhola, japonesa e italiana em um patamar intermediário, e os "brasileiros" em um patamar mais baixo. Na população "preta", os níveis de renda são consistentemente baixos, enquanto que, entre os "amarelos", sobressai a renda dos que se identificam como japoneses. As variações de renda da população "parda" estão associadas à identificação de

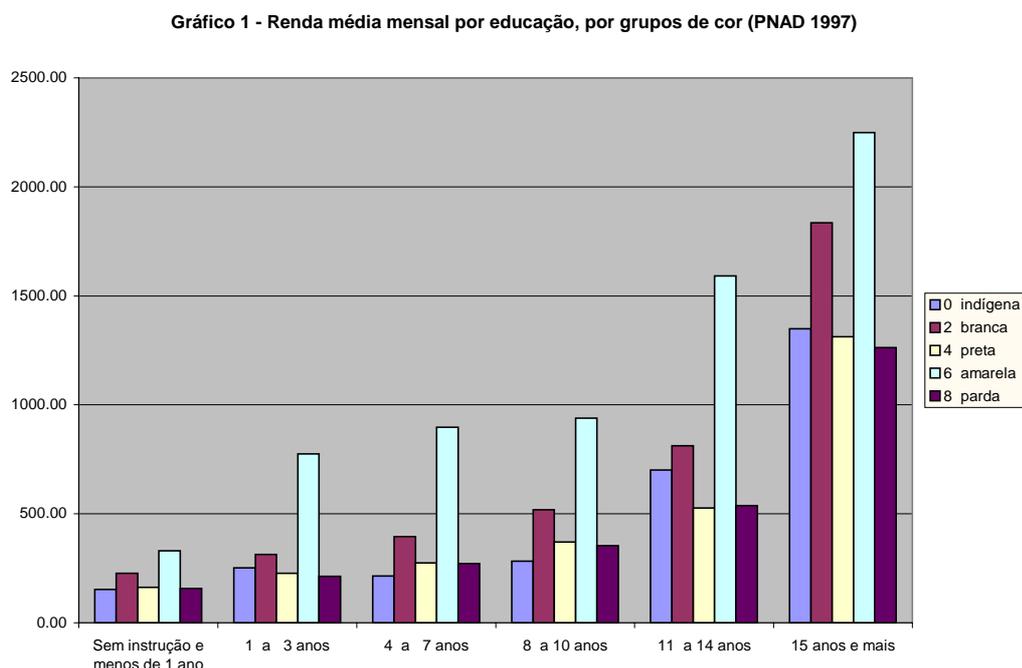
alguma origem estrangeira: os de origem italiana, japonesa, portuguesa e espanhola, entre outros, tendem a ter renda cerca de 50% superior em média aos "brasileiros". Note-se também que os "pardos" que se identificam como "africanos" têm uma renda média significativamente superior à dos que se consideram somente como "brasileiros", sugerindo que a identificação com uma origem africana está associada a uma posição social, e provavelmente educacional, mais elevada dentro do grupo. Um quadro semelhante ao dos "pardos" ocorre com a população indígena.

Quadro 7 – Salário mensal médio, por cor ou raça e origem

Quadro 7 - Salário Mensal Médio, por cor ou raça e origem (10 ou mais casos, pessoas com renda declarada)

	branca	preta	amarela	parda	indigena	sem resposta	Total
alemã	976.59	490.06	-	504.98	456.6	-	931.06
árabe	1759.26	-	-	562.22	-	-	1654.52
africana	698.84	515.3	230	496.14	469.63	337.79	535.99
brasileira	778.09	384.81	1379.03	431.64	495.05	702.91	630.43
espanhola	1134.55	589.15	-	584.48	531.26	1037.93	1058.16
indígena	645.93	404.91	363.35	464.77	493.36	521.2	537.53
italiana	1135.66	571.52	286.83	655.5	597.97	1051.63	1080.17
japonesa	1038.87	-	1719.14	978.07	-	-	1505.66
judaica	2047.24	-	-	547.84	-	-	1756.47
negra	651.16	438.77	291.75	437.46	398.12	-	467.19
portuguesa	1071.97	583.29	653.34	619.86	489.48	634.93	982.65
outra	1260.37	346.46	-	562.01	1104.71	-	1161.21
Total	848,41	400,84	1462,72	440,14	515,07	695,79	688,98

Estas diferenças não se devem, simplesmente, à condição de cor ou origem das pessoas, mas se devem em grande parte ao lugar em que eles vivem, sua ocupação e, sobretudo, seu nível educacional. De fato, ainda que as diferenças de rendimento por cor ou raça e origem sejam significativas, elas são claramente menos importantes do que diferenças em educação, como se pode ver no gráfico 1.

Gráfico 1 – Renda mensal média por educação, por grupos de cor

O rendimento varia em função de cor ou raça entre 466,12 reais para pardos e 1.130,00 para "amarelos" ou orientais, um aumento de 2,4 vezes; mas varia entre 178,00 e 1.762,00 entre os que não têm educação e os mais educados, uma diferença de 9,9 vezes. É claramente a educação, e não a cor, raça ou origem, o grande fator de desigualdade na sociedade brasileira.

As transformações no tempo

Uma outra maneira de examinar o sentido destas auto-classificações de cor, raça e origem é ver sua distribuição pela idade das pessoas, conforme os gráficos a seguir. O gráfico 2 mostra que a proporção de pessoas que se identificam como "brancas" diminui sistematicamente para os grupos mais jovens, enquanto que aumenta a dos "pardos", ficando constante a de "pretos". Uma interpretação possível seria que os brancos vivem mais, e os pardos, menos. Se isto fosse assim, no entanto, a proporção de "pretos" também cairia, já que as condições de vida deste grupo é semelhante à dos pardos. A outra interpretação, que parece mais plausível, é que as gerações mais novas se sentem mais à vontade para se identificarem como pardos do que as mais velhas.

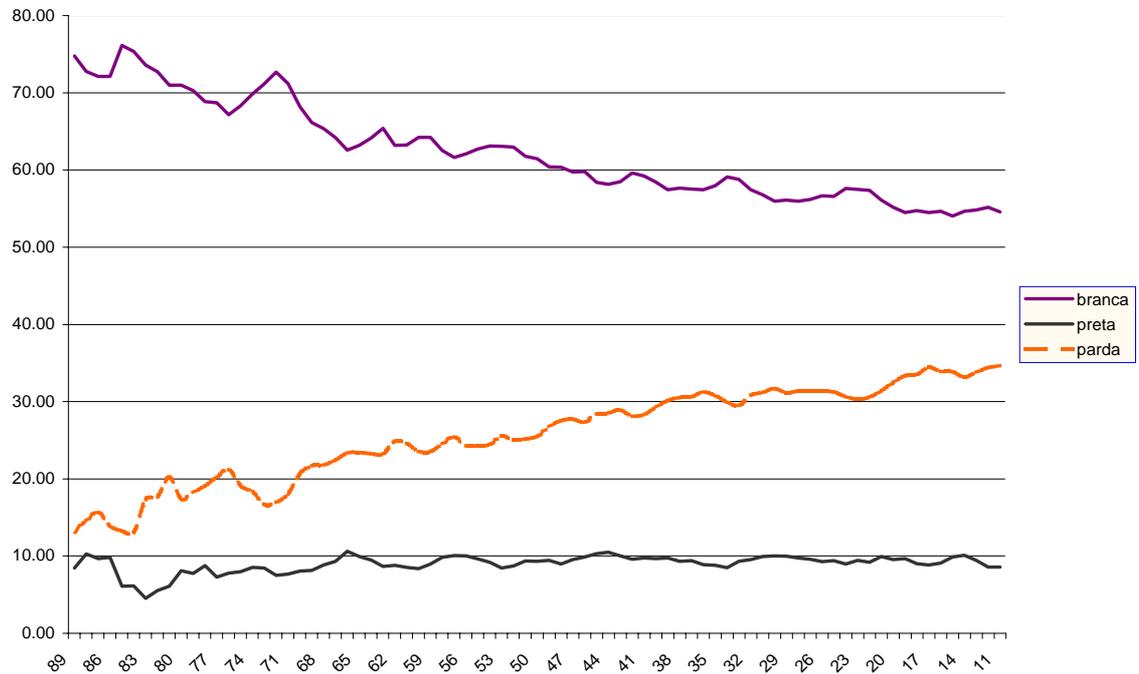
Gráfico 2 – Pessoas que se consideram brancas, pretas ou pardas, por idade

O gráfico 3, com as variações de identidade africana ou negra por idade, mostra um padrão bastante claro, que é que a identidade africana diminui, mas a identidade negra aumenta progressivamente. Este resultado é bastante coerente com a idéia de que a identidade negra começa a ser afirmada por grupos mais jovens, como atitude moderna, o mesmo não ocorrendo, no entanto, com a identificação com um passado africano, que seria uma imagem mais tradicional. O gráfico 4, com as variações da identidade brasileira, italiana e portuguesa por idade mostra que o processo de assimilação dos principais grupos de imigrantes europeus avança de forma sistemática com o tempo, reduzindo-se bastante para as populações mais jovens.

Gráfico 3 – Pessoas e origem africana e negra, por idade

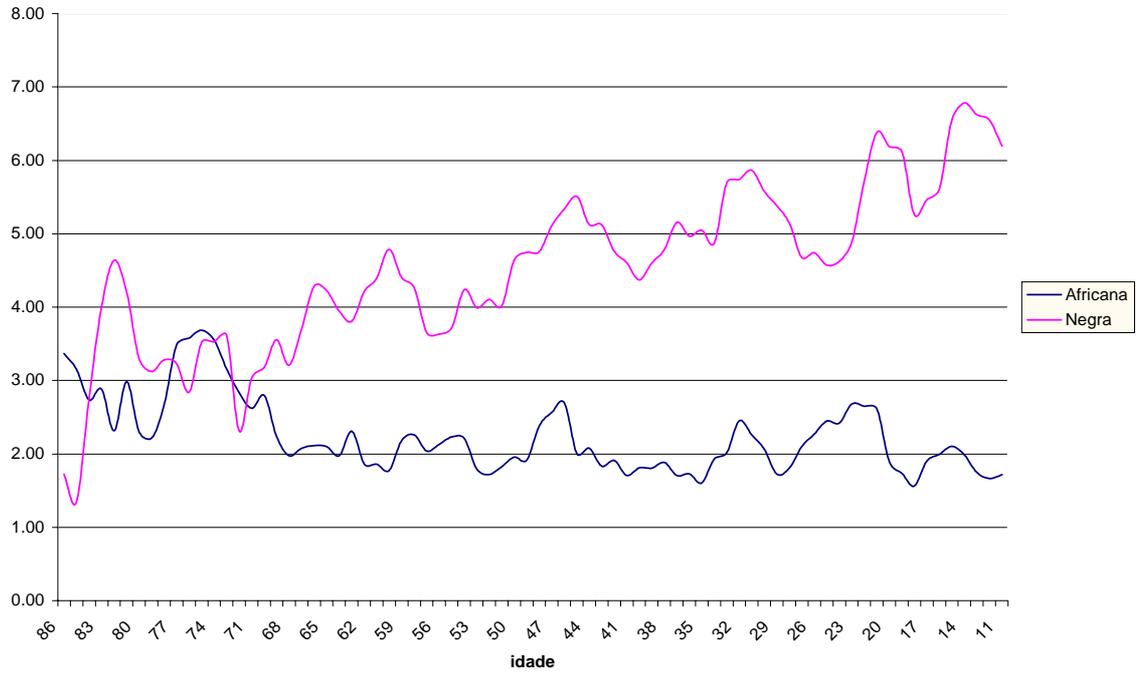
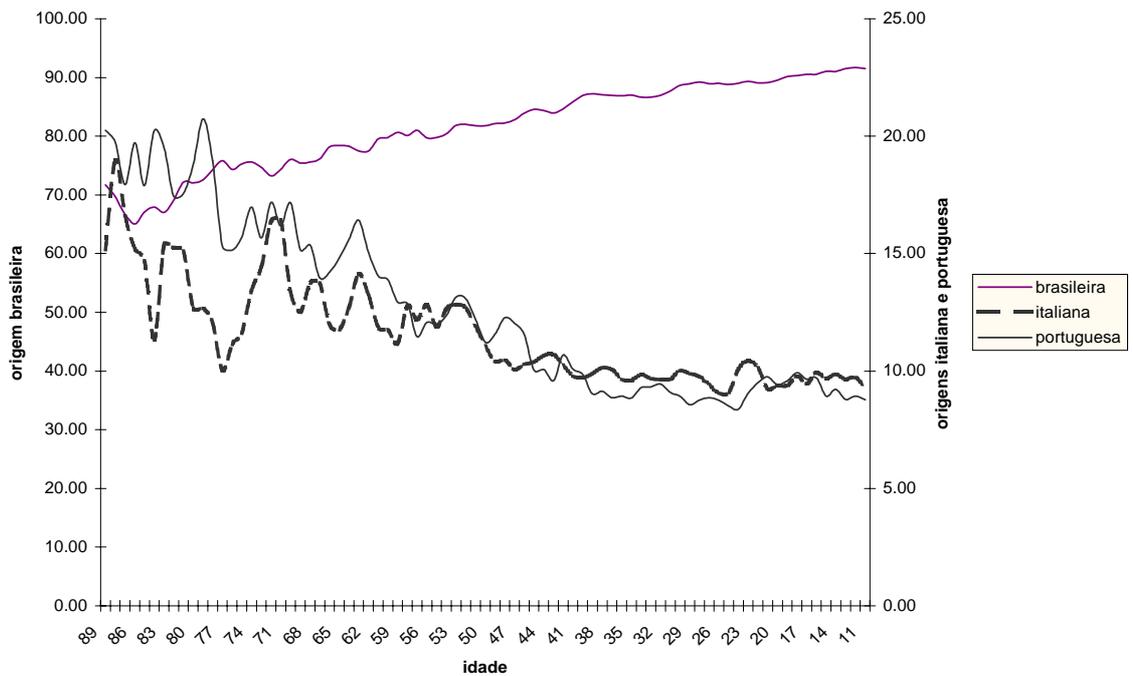



Gráfico 4 – origens brasileira, italiana e portuguesa, por idade

Conclusão

A análise dos dados sobre cor, raça e origem mostra que não é possível, simplesmente, substituir "cor ou raça" por origem, porque só uma parcela da população "preta" ou "parda" se identifica como de origem africana ou negra. Por outra parte, os dados de origem mostram diferenças bastante significativas entre grupos de origem dentro dos diversos grupos de cor ou raça, sobretudo entre os brancos e pardos, e permite uma exploração mais profunda das características dos grupos "amarelo" e indígena. Isto significa que faz sentido estudar a população brasileira tanto do ponto de vista de sua "raça" ou "cor" como do ponto de vista de sua "origem", já que estes dois pontos de vista apresentam recortes diferentes, e ajudam a entender mais em profundidade a realidade brasileira.

No passado, era muito comum a noção de que a população brasileira tendia a se integrar e miscigenar do ponto de vista racial e étnico, que as diferenças entre grupos na sociedade eram todas devidas a situações de classe, e que pesquisar informações relacionadas com "raça" não acrescentaria nada de novo, podendo criar toda uma linha de problemas e tensões raciais das quais o Brasil estaria imune. Hoje já não há quase quem sustente este ponto de vista, e o tema da "raça", com todas as dificuldades que apresenta, tem sido objeto de pesquisas e análises com resultados bastante significativos. Por comparação, o tema das origens continua sendo pouco tratado, quem sabe se pela pouca legitimidade das diferenças de origem na cultura brasileira, conforme observado por Oracy Nogueira, que se acentuaram de forma dramática nas década de 30 e 40, quando o governo brasileiro reprimiu de forma muitas vezes violenta as tentativas de populações migrantes de manter suas línguas maternas na vida diária e na educação de seus filhos. Confundido com a mobilização da guerra contra o Eixo, estes episódios de intolerância nacionalista contra as minorias alemãs, italianas e japonesas nunca chegaram a ser objeto da revisão crítica e das reparações que necessitariam.

As grandes e significativas diferenças que as pesquisas mostram existir entre os diferentes grupos étnicos ou culturais brasileiros mostram que este tema merece um lugar de destaque na análise de nossa realidade. Estes dados abrem caminho para que possamos identificar situações de discriminação, que parece afetar os grupos negros, pardos e indígenas, assim como formas peculiares de organização e ação social típicas de determinados grupos de imigrantes, que podem ajudar a entender a maneira pela qual eles se posicionam, e são percebidos pelo resto da sociedade brasileira. Estes dados também nos dizem, pela sua

própria fluidez e imprecisão, e pelas importantes variações que se dão entre gerações, que não seria recomendável que instâncias administrativas resolvessem assumir a responsabilidade de classificar as pessoas do ponto de vista étnico, usando uma classificação qualquer. O principal resultado desta análise parece ser que a população brasileira, em sua grande maioria, se recusa a ser classificada de uma ou outra forma, muda suas identidades com o tempo, e esta permeabilidade cultural e social do país, que existe apesar das grandes desigualdades de oportunidade que persistem, deve ser respeitada.

A Comissão consultiva do Censo do ano 2000 se reuniu no IBGE em Dezembro de 1998, e foi informada dos resultados desta pesquisa. Depois de amplo debate, os membros da Comissão resolveram, por maioria, recomendar ao IBGE que mantivesse no Censo do ano 2000 a pergunta sobre "cor ou raça" tal como ela tem sido aplicada até aqui, e não incluisse uma nova questão sobre origem. Diversas alternativas para melhorar a questão sobre "cor ou raça" foram discutidas, e descartadas. Substituir a cor "parda" por "morena" provocaria menos rejeição por parte dos entrevistados, mas esta alternativa reuniria tantas respostas que se tornaria ainda mais difusa,e por isto difícil de interpretar, do que a forma atual. Substituir "preto" por "negro", eliminando a alternativa "pardo", significaria forçar, para o Brasil, uma visão da questão racial como uma dicotomia, semelhante à dos Estados Unidos, que não seria verdadeira. A alternativa seria abrir espaço para pesquisar a existência da categoria de "negro" ou "afro-descendente" como origem, reunindo então os pretos e pardos, permitindo desta forma que as pessoas que se classificariam como "pardas" pudessem expressar seu pertencimento à população e à cultura negra ou de origem africana. Uma questão ampla sobre origem permitiria, ao mesmo tempo, reintroduzir ou introduzir no país a consideração das questões de origem de forma mais ampla. Os resultados aqui relatados mostraram que muito poucas pessoas se reconhecem como "afro-descentes", e que o termo "negro" não encontra no Brasil o sentido equivalente ao de "black" nos Estados Unidos. Apesar de a questão de origem ter mostrado outros resultados significativos, a Comissão considerou que esta nova questão seria de difícil formulação e entendimento em um censo nacional, aumentando os custos de um questionário já extremamente complexo, e que a questão da origem poderia ser pesquisada em maior profundidade em pesquisas amostrais, como a PNAD, até que houvesse um maior amadurecimento sobre sua formulação mais adequada. De fato, a única diferença entre o Censo e uma pesquisa amostral como a PNAD é que o Censo permite informações a nível de municípios e sub-municípios, o que é impossível fazer com a PNAD, dado o

tamanho da amostra, mas não existem razões suficientes que requeiram que a informação de origem deva ser obtida e processada a nível de cada município do país. Assim, é provável que o tema das diferentes origens da população brasileira passe a ser estudado com mais profundidade daqui por diante, e que a questão da "cor" ou raça receba também diferentes abordagens, e que que estas novas abordagens encontrem acolhida no censo brasileiro de 2.010.

Referências

Berquó, E., A. Bercovich, *et al.* Estudo da dinâmica demográfica da população negra no Brasil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Núcleo de Estudos de População. 1986. 59 p. (Texto NEPO)

Nogueira, O. Tanto preto quanto branco estudos de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz. 1985. xiii, 133 p p. (Biblioteca básica de ciências sociais)

Sansone, L. Nem somente preto ou negro. Afro-Ásia, v.18, p.165-87. 1996.